

# Textos

Letícia Copatti Dogenski

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 19/03/2019

Título : A incrível e triste história do homem petrificado

Categoria: Contos

Descrição: Se vê de tudo calhar quando o destino se intromete.

Nestes campos verdes de solidão e longitude se vê de tudo calhar quando o destino se intromete. Lídia já perdia as contas das tantas esquisitices admiradas nos anos de vida sobre aqueles torrões: desgraças brotando do chão, promessas vindas do céu. À despeito da descrença alheia, batia no peito ao narrar o revés daquele seu vizinho Nicolau, na tarde em que se pôs à varanda de casa a rosnar o desagrado para com a tempestade ruidosa a cair, e acabou por receber dos céus um raio estourado dentre os ouvidos que o fez perder a fala por uns tempos; também jurava de pé junto que, no anoitecer de um verão há muito ido, viu a breve escuridão se acender num fogaréu rastejante, um abrasar andeiro que só podia ser façanha de boitatá; garantia já ter esbarrado no diabinho Sanguanel, repousando das traquinices madrugueiras num toco de pinheiro, afora os uivos longínquos que sempre ouvia nas noites de lua cheia, decerto desaforos de um lobisomem no desvario da metamorfose. Nunca vira bruxas, mas acreditava; nunca vira fadas, mas por certo também existiam. E mesmo que conhecesse as mais diversas crendices, não pôde evitar o sobressalto no dia em que se viu diante daquele novo e insólito extravio da natureza.

Recém estiado o breve outono, aproveitando o findar dos aguaceiros de março, Lídia se permitiu uma tarde sossegada na companhia da amiga Terezinha. O

potreiro que separava as duas moradas era uma vastidão de ervas rentes como mate novo, o que a permitiu, de pronto, distinguir aquele corpo acorçado e vestido com os musgos do tempo, mas ainda evidente em seu cunho. Era uma coxilha diminuta em meio ao prado alinhado, sentado sobre os garrões e tapando a frente entre os joelhos na vã resolução de se guardar do aferro solar, ou numa posição reminiscente de quando a chuva veio forte e duradoura na semana anterior. Abeirou-se demorada: quiçá fosse um bicho novo, um terneiro adormecido sob o zelo dos barbas-de-bode ou no amedronto do aparte dos cuidados da mãe; quem sabe fosse uma vida em angústia, jacente sobre suas dores, carecendo de suas benesses. Espantou-se, portanto, ao perceber que aquela míngua abandonada no campo não dormia, sofria ou aparentava sentir coisa alguma, uma vez que tinha a derme pétrea e se encravava ao solo como se pertencesse à Terra desde o seu princípio.

Atentando cada passo, indagava a si mesma como seria possível. Já contemplara afronta de raio, fogo de boitatá e até o remanso do infatigável Sanguanel sem jamais se fiar a ambiguidades. Mas ter diante de si um furúnculo do mundo, arrolando-se numa defesa amedrontada como se tatu-bola, fazia-a pela primeira vez desconfiar da fiúza de suas vistas: “Duvido alguém no mundo já ter visto uma coisa dessa”. O montículo não tinha qualquer dos dotes que a natureza dá ao homem, conservando só algumas lembranças de sua humanidade inclusa na rocha que o sepultava num perpétuo exílio. Não se viam os dedos de pés ou mãos, apenas os vincos que revelavam a extensão dos membros, como também não se percebiam pelos que rebentassem da tez petrosa, que se deixara tomar pela relva. Lídia esfregou os punhos nas pálpebras no esforço de livrá-las da miragem antes de admitir a figura como legítimo achado. No alvoroço do encontro, não prosseguiu sua senda à casa de Terezinha, mas regressou os passos na veemência de propagar a nova ao esposo. “O Zeca que vai ver dessa vez”, ia pensando e tropicando na urgência.

Nunca fora creditada em seus contos de boitatá ou Sanguanel, e nas noites de uivos do lobisomem Zeca ria de seus pavores e avidez em cerrar bem as janelas. Mas era inegável a presença das fuças do criatura de pedra no potreiro: cercou-o, chamou de “psiu”, estendeu o dedinho contra os musgos grudados em suas costas sem que houvesse negativa ao toque. Durante o trajeto em retorno, matutou todo o tempo sobre como juraria a Zeca, de joelhos no chão ou pela santidade do matrimônio, que um sujeito lá jazia petrificado como um dedão de pé descalço no inverno. O embargo de persuadir o esposo não era coisa simples, mas como partiam da mesma teimosia, Lídia não se resignava até que finda a discussão. Zeca debochava das fábulas costumeiras da mulher, dizendo que “Amassa o cabelo no travesseiro e culpa o saci, vê homem feio e xinga que tá virando bicho”. A mulher, porém, dava de ombros a censura, instigada pela boa visão que Deus lhe dera e assegurada na diagnose médica anual, bem como a contingência de seus julgamentos certos através dos anos. Ao chegar naquela tarde esbaforida pelo encontro inusitado, logo disse ao velho Zeca que “Se não acredita, vá ver”.

Ainda saiu a chutar o cascalho das travessas rumo às casas da vizinhança, para dissipar a notícia a quanto mais gente fosse possível. O pátio de Seu Armelindo, futriqueiro nato e de índole muito considerada por só espalhar fofocas autenticadas por uma testemunha visual, já irrompeu aos berros de que “Um dos maiores acontecidos já vistos nesse mundo tá ali no potreiro entre minha casa e

de dona Terezinha”. Chamou uma piaçada que batia bola num terreiro e lhes deu a incumbência de espalhar o mexerico a qualquer viva alma que encontrassem. Despedia-se nas rápidas visitas acenando um até-logo que, mais tarde, aguardaria a todos no campo para lhes mostrar a estranha pedra. Deveras, Lídia correu de volta ao local e esperou pacientemente a vinda dos compatriotas. Quando eles chegaram pulando as cercas de arame farpado que limitavam os poteiros, recitou versos de acolhida, ansiosa de ostentar sua descoberta ante tantas faces resabiadas. Ergueu a voz no testemunho de seu conhecimento e o costume de seus olhos diante das coisas absurdas do mundo, e descreveu a pose de resguardo do homem como inescusável ao fatídico ato de ser.

Aquele mundaréu de curiosos atulhou a paragem de questionamentos. Os visitantes lutavam contra o sol pelo direito de arregalar as pálpebras ante tamanha estranheza, e mesmo Zeca não era capaz de negar o que via. Sob o sol do outono fresco, a pedra agachada sobre si mesma e velada por gramíneas parecia ser a revelação indubitável da competência geracional do antro da Terra, um rebento mundano a despontar no poteiro entre as moradas de Lídia e Terezinha. Chegando Seu Armelindo, porém, os burburinhos de apreensão deram lugar à calada da espera. Sua postura bem reta como pouco se via naqueles homens de colunas vergadas pelo peso do trabalho e do tempo, o óculos pequenino pendurado no nariz como os intelectuais nas capas dos livros, o sacudir das sobancelhas grossas como se o engenho dos pensamentos se apoiasse nos pelos da face, tudo lhe esculpia um ar astucioso. Atentaram-no em suas observações, de mão no queixo a circundar a criatura, e aguardaram seu parecer que, não apenas veio certo, como apontou novos sintomas: “É mesmo um homem de pedra”, disse, “Mas se pararem para ouvir, o coração que lhe bate é pura carne!”.

No momento calado de suas curiosidades, contou, pudera ouvir um tique-taque profundo e abafado, mas muito bem conhecido por ser o sinal indiscutível de que a presença de meu Deus habita aqueles interiores. Era um bumbo a reverberar através de terra, rocha e erva, um cordão umbilical intacto com a mãe que o permitia brotar em sua própria existência. Lídia, que devota às superstições assentia como verídica qualquer bizarrice, mal conseguia conceber coisa tão inusitada. Quando deu com as fuças no homem de pedra, não ouvira ressoar coisa qualquer que sugerisse ali uma pulsação que não a sua própria, mesmo que a natureza se aquietasse para ver se dar aquele encontro. Quem sabe a vida lhe surgira há pouco, pensava, ou as palavras de Seu Armelindo desviavam a perícia de seus ouvidos, ou até mesmo o atual momento fosse mais oportuno, que já superava o susto da descoberta. Ao verificar por si mesma, apoiou as orelhas no pedregulho e se permitiu ouvir os batiques daquela vivência, confirmando num clamor de: “Venham e escutem!”, ao que o povo se lançou um sobre os outros na afoiteza da averiguação.

Estavam pávidos e inquietos ante o cerne palpíte que percutia na manutenção daquela santa vida, pequeno filho de Terra e céu incumbido de alma nas piores condições de corpo, feito espírito sem o ser. Nos dias seguintes, peregrinavam de encontro à pedra por puro desvelo. Cravaram sombrinha aberta em seu encosto para que se aliviasse do sol e da chuva, regaram as gramas de seu serro para que aproveitasse o direito único de florir, ofereciam-lhe pão e água esperando desvendar sua maneira de alimentar-se. Não sabendo de história

nenhuma de pedra ter fome, nutriam sua alma legítima pelo retumbar de seu antro, zelavam e acarinhavam seu corpo imóvel, contavam-lhe causos para distrair seu permanecer eterno. Na consagração de ser rocha e merecer a vida, andavam a seu encontro e oravam por suas graças e interseções aos céus que o geraram em milagre. Obstante às sombrinhas abertas a oferecer sombra e os verdes crescendo sobre sua existência, indiferente a pão e água, zelo e prosas, o pedregulho eroso pelas chuvas do outono, provido de feição pela natureza num momento descuidada, reverberava em seu antro nada mais do que o riso cretino da terra.

Ano : 2016

Título : As Pragas de Ana Inácio

Categoria: Contos

Descrição: O milharal secara todo: as folhas de amarelo queimado protegiam espigas arruinadas, bichadas e miseráveis.

O milharal secara todo: as folhas de amarelo queimado protegiam espigas arruinadas, bichadas e miseráveis. Só bicho mesmo pra comer uma coisa dessas. A família não ia aproveitar: a senhora Anacleto não podia fazer farinha para bolo, as filhas Mariana e Jandira não podiam fazer mingau pros rebentos que pariam a cada tanto, e os filhos Josué e Orlando não podiam vender os grãos como era suposto. Não desse jeito, não nessa situação. Arrancavam o produto porque sim, para livrar a lavoura da visão sórdida, para dar aos bois o debulho e vê-los, pelo menos eles, aproveitarem o esforço do plantio. "Aproveita bem", pensava o senhor Arcadio, "Que sustento agora é o leite das vacas". Pelo menos tinham as vacas. Raspavam os dentes no pasto, folha seca de colheita ruim, milho podre bichado, comiam o que fosse. Sobreviviam, aguentavam. O leite no fim do dia eles tiravam e vendiam, e a fazenda continuava assim. Aos trancos, deveras, pois o produto das vacas nem sempre era o bastante para suprir as necessidades da família numa fazenda tão grande e que demanda tanta coisa, tanta gente trabalhando, tanto produto gasto no plantio. Nos últimos anos, porém, tinham aprendido a se virar com o que elas davam: vendia-se muito leite e os bezerrinhos, que eram caros, e iam aos tropeços. Não era a primeira vez que a lavoura secava inteira e dava nada. Antes fosse! Mas a verdade é que isso vinha de tempos, uma desgraça calculada como se oriunda de mão negra. Arcadio acreditava: "Macumba brava, trabalho em andamento".

Nunca fora bom. Matara homem por inveja, acerto de contas e até por nada. Pensou ser aquele era um revés da vida, um jeito de fazê-lo arrepende-se, mas não cria. Também não era homem de acreditar no sobrenatural, mas dessa vez não tinha jeito, alguém jogara praga. Não era só o problema da lavoura, mas a

própria família que vinha enfrentando maus ventos demonstrados na paridela das mulheres. Já há anos não nascia uma moça sequer na família. Tudo homem, macho novo a cada ano, o que não seria tão ruim numa fazenda daquele porte. Mas a desgraça da maldição era atizada a cada nascimento, e os menininhos minguavam e logo morriam de qualquer coisa sem que ninguém pudesse interferir. Augustino, filho seu e da mulher Anacleto, corou de amarelo, ferveu de febre por dias, até aproveitar seus últimos suspiros num ataque de tosse. Camilo, filho de Mariana, nascido de garganta trancada e engasgando a cada gole do alimento primeiro, desnutriu rápido diante dos olhos desesperados dos que acompanhavam. José Manuel, filho de Jandira, pareceu que ia vingar e deu esperança, até numa manhã resolver que não mais acordaria, quando já era época de dar seus primeiros risos. Os rebentos dos homens pareciam ter mais chance: Josué teve menino, Carlos Adalberto, nascido com uma doença dos nervos que lhe impunha tremelicos, sem força nas pernas para o segurar em pé ou lábio forte que barrasse suas babas, mas aguentara na vida até os oito anos. O herdeiro de Orlando também muito vivera, passara de uma década, até sofrer ataque de um boi brabo que perfurou seu peito muitas vezes, morrendo desbotado, com a cor a lhe escapar pelos buracos. Arcadío entendia que natural aquilo não era, não podia, e uniu o mistério todo na sentença: "Fizeram batuque pra família, e só vai quebrar com o nascimento de uma menina".

Sobreviviam, aguentavam. As mulheres diziam que não queriam mais embuchar. "Só pra sofrer", choramingavam, "Só pra ver filho morrer". Os homens viam a prenha como uma consequência do matrimônio, mas mesmo as noras de Seu Arcadío se uniam às filhas no coro contra as gestações. Como a colheita que é feita para dar lugar a novo plantio, porém, acontecia. Quando Mariana embuchou outra vez, fizeram reza. A moça desgostava, sabia do que estava por vir: o amor seguido da choradeira, o desespero e o velório, o luto pela alminha mal conhecida mesmo sendo muito sua. Até por isso acompanhou a família nas novenas, não porque acreditava na maldição e queria quebra-la, mas pela saúde de seu ventre e do que ele continha. O pai, Seu Arcadío, anunciava entre os cânticos: "Que teu ventre floresça como as boas plantações, e que nossa plantação floresça como teu ventre, que as desgraças se quebrem com a bênção que vem". Boas plantações, bom ventre. Lembrava-se do filho perdido, enterrado há poucos quilômetros, a se decompor sob a terra como os produtos da lavoura, também apodrecendo logo após o despontar da vida. Lembrava-se da prataria vendida na temporada passada, para pagar as despesas com venenos para as pragas do milho, dinheiro perdido ao ser jogado fora. Pensava nas vacas arrancando seu alimento com agressividade, para depois mastiga-lo suavemente por horas, pasto misturado com milho fraco e folhas secas. As vacas mirravam, via-se, estavam mais magras e davam cada vez menos leite. O pai comparava seu ventre às boas plantações e ela rezava que, na verdade, não se comparasse à miséria das vacas.

No dia da paridela o mundo caía em aguaceiro. Anacleto apoiava Mariana, acreditando ser a tormenta um sinal de mau agouro, enquanto Arcadío se benzia e Jandira virava cadeiras para acalmar a chuva, punha faca na janela para cortar a ventania. O clima revoltado só aumentava a ansiedade. Gotardo, esposo de Mariana, não saía da latrina, onde seu intestino desaguava a exemplo do temporal. Os gritos da mãe que paria estavam páreo às trovoadas, às vezes até mais fortes, de fazer tremer o chão. A barulheira era tanta, de berros, rezas,

ventos e trovões, que mal puderam ouvir o choramingar fresco e miado da cria nascida. Quando o feito, porém, tiritaram sobre os joelhos no aguardo da notícia que vinha: o fado do maldito ou a bênção esperada. A demora de Anacleto em rebentar fora da porta do quarto só os fazia ter mais certeza do infortúnio que, quando veio, confirmou: "Nasceu Inácio". Apesar de sapientes de que logo uma desgraça poria abaixo as chances de vida da criança, de já esperarem um destino encurtado por febres e máculas como as das lavouras que continuariam acontecendo, e mesmo lembrados da miséria iminente se achegando, que mataria suas vacas e a eles mesmos após, não deixaram de se contentar. O menino nascera magrelo, mas de cabeleira bem feita, dedinhos nervosos a apontar os fantasmas do esmo. Resmungava como gato novo, fino e bonito, e apesar dos pesares já considerados, alegravam-se por, pelo menos, terem a chance de conhecê-lo.

Não tardaria o plantio daquele ano e se achegava já a época do batismo de Inácio. O tempo voara como se lavado pelos temporais das últimas semanas. Acalmadas as conturbações da estação, o sol parecia se aproximar mais a cada dia, pois a quentura ominosa de um era nada comparada à do dia seguinte. Arcadío aproveitava a grande varanda que dava volta na casa para algum fresco, onde a brisa batia de quando em vez. Os coqueiros ao longe, acima dos morros, balançavam e retorciam seus braços ao vento num pavoneio de seu posto vantajoso. As mulheres da casa se ausentavam, tinham ido até a igreja próxima para marcar os detalhes do batismo de Inácio. Arcadío muito matutava: o neto era mirrado, de pouca carne e muito cabelo, garganta fina de chiar como bicho novo, gestos delicados como de menina. Se não fosse falado, ninguém via que era menino, enganava bem. Quem sabe não enganasse a maldição e não desse boa sorte pra colheita desse ano? Até então tinha boa saúde, não dera sinal de desfalecimento, sugava bem as mamas da mãe e mantinha a temperatura e cores normais. Mas as desgraças eram sempre surpresas, por isso mesmo adiantavam o batismo do menino, para que fosse protegido pelos céus, ausente das macumbas e tivesse direito à eternidade abençoada em caso de decesso. E Arcadío pensava, se quisessem que a lavoura corresse bem como corria a breve vida do menino, não podiam chama-lo Inácio, nome de macho, nem vesti-lo com suspensórios de couro marrom. E assim fez seu plano para enganar os feitiços de outrem, quem não sabia, de trocar do menino o nome e as roupas. Quando as mulheres chegaram, já pusera as cadeiras na varanda a fim de noticiar à família. "O menino vai se chamar Ana", explicou, e o fez com os olhos flamejantes de não permitir ninguém abrir o bico, de medo que davam. Apesar do absurdo da ideia, não custava a tentativa, diziam, e a partir daquela tarde o menino era Ana Inácio.

Depois do desespero, a calma. O plantio fora feito e as plantas despontaram saudáveis, cresceram verdes sob os olhos de Arcadío, que todos os dias passeava com Ana Inácio pela lavoura. A criança quase virava ano sem atribulações que perigassem contra sua vida, para alívio de todos. Depois desse tempo passado quedo, discutiam entre si e muito pensavam sobre o contrassenso usado para acalmar seus brios, de dar ao menino o nome de Ana e vesti-lo de rendas e babados. "No fim, era só má sorte", Arcadío dizia, vendo o milharal crescendo forte ao redor do casarão. Ainda assim, continuavam com a vestimenta, com as flores na cabeleira comprida e o entoar do nome feminino. "Por garantia", diziam. Quando em vez, Ana Inácio engatinhava pelos arredores,

ia brincar com terra, mexer nos formigueiros do milharal. Arcadío gostava de acompanhá-lo, aquele que salvara sua lavoura naquele ano, e vê-lo adentrar ao mar verde como se fugindo de uma praga. Muito balbuciava o menino, palavras sem sentido, mas deveras palavras, como se proferisse rezas ou conjurasse más línguas. Arcadío deleitava-se, ia ser altivo e falador, e o seguia pelos cantos. Num dia, quando adentrava de gatinhas o milharal, o menino foi mais longe que nas outras vezes, e só parou quando viu as folhas secas. O milharal, aos poucos, ia secando todo: as folhas de amarelo queimado protegiam espigas arruinadas, bichadas e miseráveis sob os olhos de Arcadío e Ana Inácio.

Conto publicado na edição n.16 da Revista Café Espacial (2016).